



Campbell, Jung e Frazer e os Estudos em Simbologia.

Campbell, Jung and Frazer and the Studies in Symbology.

Marcel Henrique Rodrigues¹

Resumo

O presente trabalho é uma síntese dos estudos realizados com bolsa de iniciação científica, cedida pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo-FAPESP. Durante as investigações notamos que três estudiosos muito influenciaram os estudos acadêmicos no tocante à simbologia religiosa, sendo eles Campbell, Jung e Frazer. Embora cada um deles pertença a áreas distintas das ciências humanas, os mesmos são categóricos em apreciar o simbólico como uma das manifestações mais antigas e genuínas da expressão da psique humana. Com esta base, buscam, sobretudo nas religiões, símbolos ritualísticos e de culto que, através da Antropologia e da História, comprovam a importância de sua utilização no decorrer do desenvolvimento das crenças religiosas e do conseqüente desenvolvimento da civilização ocidental. O presente trabalho é um preâmbulo de investigações que duraram mais de dois anos e que se debruçou em diversos símbolos místicos e religiosos produzidos pela humanidade. É válido lembrar que a investigação ocorreu através de pesquisa empírica, em âmbito da verificação da utilização de diversos símbolos e de uma aprofundada pesquisa bibliográfica de consagrados nomes da literatura científica.

Palavras-chave: Simbologia. Frazer. Jung. Campbell.

Abstract

This document is a synthesis of studies of a scientific scholarship, granted by the Research Foundation of the State of São Paulo - FAPESP . During the investigation we noticed that three scholars greatly influenced academic studies regarding religious Symbology : Campbell, Jung and Frazer. Although each one of those belonged to different humanities, they are categorical in appreciating symbols as one of the oldest and most genuine expressions of human psyche expression. Thus they seek, especially in religion, ritual and symbols of worship , through anthropology and history , demonstrate the importance of their use during the development of religious beliefs and the consequent development of Western civilization . The present work is a preamble of investigations that lasted more than two years and which focused on various mystical and religious symbols produced by mankind. It is worth noting that research occurred through empirical research in connection with the verification of the use of various symbols and a thorough literature search of famous names from the scientific literature.

Keywords: Symbology. Frazer. Jung. Campbell.

Artigo Recebido em: 22/11/2013

Aceito em: 26/11/2014

¹ Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo-UNISAL. Membro da ABHR e Bolsista FAPESP. E-mail: marcel_kennedy@hotmail.com

Introdução

A presente comunicação é fruto de uma bolsa de Iniciação Científica, concedida pela FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo) que visa, em uma linguagem simples, fazer uma análise sobre a importância do estudo dos símbolos religiosos enfatizando seu caráter histórico e antropológico. Para tanto é feito um estudo, com bases em autores que investigaram este tema como Campbell, Frazer e Jung, que dedicaram grande parte de suas obras aos estudos dos símbolos religiosos nas mais diversas civilizações, chegando ao consenso de que os símbolos foram uma das primeiras formas de manifestação linguística e religiosa da humanidade. O presente trabalho tem como objetivo investigar como a simbologia permeia às crenças religiosas. Como método foi utilizado a pesquisa bibliográfica. Os estudiosos exploraram não somente os símbolos religiosos em imagens concretas, como, por exemplo, o símbolo da cruz, mas estenderam suas investigações para o simbolismo dos mitos, das metáforas e parábolas de diversas religiões. Assim, buscou-se comprovar, pelo viés da Antropologia, que o homem é, em sua essência, simbólico, e que desde tempos imemoriais construiu e adaptou símbolos para fins de comunicação e, como atesta Campbell (2010), para rituais religiosos e expressão de temas como deuses, morte e alma. Estes citados autores vão longe e analisam possíveis símbolos dos primórdios da humanidade, como as imagens rupestres do sudoeste francês, na caverna de Lascaux, onde pinturas, que foram datadas de mais de quinze mil anos atrás, poderiam ser símbolos religiosos, como defende Campbell (2010), que denominou o lugar como “Capela Sistina da Pré-História”. Assim sendo, é defendido que o homem por si só, e desde tempos muito remotos, utilizava da linguagem dos símbolos para se comunicar e para prestar cultos religiosos. Portanto, para os autores, a natureza da religião caracteriza a humanidade por milhares de anos, chegando-se a supor que não tenha existido civilização ou hordas primitivas sem algum conjunto de símbolos ou rituais que conotassem sua religiosidade. Campbell (2008) ressalta que a *religare*, ou o sentido de religião inato ao homem, está intimamente ligada com a *psique* humana. Os mitos (religiosos) têm a função de integrar o homem a uma verdade psicológica muito arcaica e inconsciente. Por base geral, temos as considerações de que os símbolos religiosos têm, além da função religiosa, uma base psicológica, pois, é o trabalho simbólico que permite ao homem a sensação de pertencimento ao universo, aos cosmos, ou à ordem que a sociedade exige. Vale lembrar que os autores postulam que, desde o princípio da humanidade, os símbolos já possuíam um caráter sacro. O símbolo é usado para

trazer ao presente aquilo que está ausente. Lurker (2003) explicita esta ideia, mostrando que os símbolos religiosos existem para expressar em imagens o que é inexpressável, ou seja, a própria “figura” da divindade. Portanto, necessariamente, todas as religiões usam símbolos, linguísticos ou imagéticos, em seus preceitos. Campbell (2008) e, sobretudo, Jung (2008) revelam que o ponto máximo ao qual a ciência pode chegar, do ponto de vista empírico, sobre a religiosidade da humanidade, está no campo da Psicologia e de seus símbolos.

A Antropologia atual, impulsionada pelas investigações da Arqueologia e da História, tem estudado e fornecido cada vez mais ênfase ao estudo e à análise da chamada “linguagem dos símbolos”. Estes estudos forma impulsionados, sobretudo por Campbell (2008) Eliade (2002) e Frazer (1978) entre outros teóricos que dedicaram suas vidas para a exploração da temática do simbólico, que, de certa forma, fora a primeira forma de manifestação linguística, cultural e mesmo religiosa dos nossos ancestrais.

Objetivos:

1. Investigar a maneira como a simbologia permeia as crenças religiosas;
2. Investigar como os sistemas simbólicos sustentam as bases da religião.

Desenvolvimento

Defensores da ideia de que o homem é antropologicamente motivado por ideias religiosas e por crenças na possibilidade de intervir no ambiente em que vive utilizando-se da magia, vem ao encontro da necessidade de utilização da simbologia. Entre os partidários destas teorias estão estudiosos como Eliade (2002), Frazer (1978) e Bettencourt (1997), que defendem que o homem é por si só religioso. Nunca se encontrou uma civilização atea ou sem a utilização de símbolos ou ornamentos que conotassem alguma espécie de culto religioso. Bettencourt (1997) é categórico ao afirmar que a Antropologia e a Arqueologia nos levam a afirmar que o homem é intrinsecamente religioso. Fazendo uma analogia, ou uma metáfora, o homem seria então, segundo estes especialistas, “geneticamente” moldado para criar culturas em que persistissem valores religiosos e motivos simbólicos, sobretudo por meio das imagens.

A compreensão dessa valorização dos antigos pelos símbolos religiosos é de extrema importância para o que se discorrerá neste estudo. Frazer (1978), importante antropólogo

inglês, no início do século XX, escreveu sobre os costumes dos antigos povos. Seu livro “O Ramo de Ouro” versa sobre a importância da simbologia entre os antigos, e é nesta obra que o autor enfatiza que os rituais, sobretudo os de magia, foram as primeiras formas do homem se interagir com a natureza, o que, segundo o autor, foi uma forma de ciência primordial, em que o homem sentia-se capaz de manipular a natureza e até mesmo o destino.

Se persistirmos na ideia da Antropologia dos símbolos, sem dúvida, teríamos também uma dissertação da Psicologia das crenças religiosas ou Psicologia da Religião, que também tem como postulado que o homem é, desde suas raízes, um ser simbólico, entretanto, neste caso, falamos de simbologia religiosa, ou seja, a necessidade que o homem primordial tinha de se ligar com o transcendente, assim, havia a crença de que, através dos símbolos, se pudessem expressar aquilo que era inexpressível, ou seja, desde tempos primitivos o homem já tinha noção de subjetividade. Este inexpressível é bem postulado por Jung (2008), que estudou e muito pesquisou sobre a Psicologia das crenças religiosas. Este estudioso afirma que os símbolos são expressões da mais pura subjetividade humana, e que a arte de criar símbolos foi amplamente difundida e cultuada nos quatro cantos do mundo. Mas o que seria essa subjetividade que levou o homem a criar símbolos religiosos?

Na concepção de Jung (2008) esta subjetividade tem caráter religioso e é universal. Com efeito, para este teórico a noção de pertencer ao universo, ou de encontrar explicações básicas sobre os motivos da existência da vida e da morte, levou o homem primitivo a criar símbolos religiosos como forma de expressar conceitos mais abstratos como vida, morte e divindade. Jung (2008) em seu livro “O Homem e Seus Símbolos” trata dessa necessidade simbólica e religiosa do homem primitivo:

O papel dos símbolos religiosos é dar significação à vida do homem. Os índios pueblos acreditam que são filhos do Pai Sol, e essa crença dá a suas vidas uma perspectiva (e um objetivo) que ultrapassa a sua limitada existência; abre-lhes espaço para um maior desdobramento das suas personalidades e permite-lhes uma vida plena como seres humanos. Esses índios encontram-se em condições bem mais favoráveis do que o homem da nossa civilização atual, que sabe que é, e permanecerá sendo, nada mais que um pobre diabo, cuja vida não tem nenhum sentido interior (JUNG, 2008, p.110).

O que Jung (2008) deseja mostrar é que, como temos dito, o homem é essencialmente simbólico. Não é possível estabelecer uma data para o surgimento dos primeiros vestígios de religiosidade, e nem para os surgimentos de símbolos religiosos, porém, Bettencourt (1997) afirma que desde todo o sempre o homem é por si só religioso, sendo assim, mesmo nos tempos mais remotos da pré-história, quando o homem estava no início de sua evolução

corporal e intelectual, já possuía indícios de cultos religiosos e possíveis rituais que os integravam a uma espécie de ligação com a natureza que o cercava. A própria Antropologia é cautelosa em relação aos possíveis aspectos simbólicos de religiosidade e de ritualística do homem primitivo, porém, este ramo da ciência é categórico ao afirmar que a religiosidade, como um fenômeno, é uma das mais antigas manifestações da cultura do homem.

É necessário fazer um adendo dentro desta temática sobre religião e Antropologia, pois, como avaliado por Jung (2008), que esteve longe de inferir afirmações metafísicas em seus estudos ao que conotaria em afirmar a existência da divindade, não iremos postular em momento algum a existência ou inexistência divina, pois, tal assunto não é de nosso interesse. O objetivo, ao menos em sua parte introdutória, tende a demonstrar que a criação de símbolos e cultos religiosos é muito antiga. Como analisado por Jung (2008), a afirmação da antiguidade da formação de símbolos religiosos e seus respectivos cultos aponta-nos para os vestígios de integração psíquica do homem para com o seu meio.

A própria palavra religião, em sua etimologia, com explica Paiva (2000), mostra a necessidade da humanidade de orientar-se em sentidos sagrados. Com efeito, o termo religião vem do latim *religare* que, grosso modo, simboliza o “ligar” do homem a um plano transcendente. O autor ressalta que o termo religião só apareceu milhares de anos depois de sua prática, e que, nos primórdios, os rituais ou os conceitos religiosos eram tidos como habituais ou da natureza da horda.

Campbell (2008) ressalta que a *religare* está intimamente ligada com a *psique* humana. Os mitos (religiosos) têm a função de integrar o homem a uma verdade psicológica muito arcaica e inconsciente.

Por base geral, temos as considerações de que os símbolos religiosos têm, além da função religiosa, uma base psicológica, pois, é o trabalho simbólico que permite ao homem a sensação de pertencimento ao universo, aos cosmos, ou à ordem que a sociedade exige.

De acordo com Santos (1959), toda a humanidade, desde sempre, esteve pautada em símbolos, principalmente os religiosos. Para o autor, é praticamente impossível falar de religião sem símbolos.

Campbell (2010) amplia o conceito de Santos (1959), relatando que uma das primeiras formas de manifestação linguística se deu por meio dos símbolos, que podem ser encontrados, por exemplo, nas cavernas com inscrições humanas pré-históricas. Todo este sistema

simbólico foi sendo substituído pelas letras, conforme a evolução da escrita, e os símbolos passaram a ter, assim, para além da conotação linguística, uma conotação religiosa.

Conclusão

Vale lembrar que os autores postulam que, desde o princípio da humanidade, os símbolos já possuíam um caráter sacro. O símbolo é usado para trazer ao presente aquilo que está ausente.

Lurker (2003) explicita esta ideia, mostrando que os símbolos religiosos existem para expressar em imagens aquilo que é inexpressável, ou seja, a própria “figura” da divindade. Portanto, necessariamente, todas as religiões usam símbolos, linguísticos ou imagéticos, em seus preceitos.

Campbell (2008) e, sobretudo, Jung (2008) revelam que o ponto máximo ao qual a Ciência pode chegar, do ponto de vista empírico, sobre a religiosidade da humanidade, está no campo da Psicologia e de seus símbolos. Todos os autores até aqui citados não se preocuparam em provar a existência de Deus ou a concretude dos fenômenos da ordem do sagrado, pois é algo que não compete à Ciência, mas sim, preocuparam-se em estudar a religião como acontecimento social, universal e psicológico.

Aquilo que estes autores concordam entre si, como destacam O’Connell; Airey (2010), é que todas as religiões do mundo, de modo geral, têm algo em comum, que é o símbolo. Assim, estes estudiosos concluem que os símbolos são uma das provas de que a religiosidade do homem deve ser profundamente estudada e debatida, derrubando aquele velho preceito de que religião não se discute.

Eliade (2002), em seus numerosos escritos sobre religiões e símbolos, aceita a ideia de que os símbolos religiosos vêm a ser uma das maneiras de se estudar a *psique* na antiguidade, pois congregam uma forte carga de significados e crenças, expressam uma linguagem que se apresenta como universal e possuem uma forte dimensão histórica. Portanto, Eliade (2002), como os autores já citados, concorda que estudar o fenômeno religioso com um olhar científico é voltar-se para a Antropologia, para a História e, sobretudo, para a Psicologia.

REFERÊNCIAS

BETTENCOURT, Estevão. **Curso de Antropologia Teológica**. Rio de Janeiro: Gráfica Itaci, 1997.

CAMPBELL, Joseph. **As Máscaras de Deus: Mitologia Criativa**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

_____. **As Máscaras de Deus: Mitologia Ocidental**. São Paulo: Palas Athena, 2008.

_____. **As Máscaras de Deus: Mitologia Primitiva**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

CONNELL, Mark; AIREY, Raje. **Signos e Símbolos**. São Paulo: Escala, 2010.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRAZER, James. **O Ramo de Ouro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

JUNG, Carl. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PAIVA, Geraldo. **A Religião dos Cientistas: Uma Leitura Psicológica**. São Paulo: Loyola, 2000.

SANTOS, Mário. **Tratado de Simbólica**. São Paulo: Logos, 1959..